

# **EXPERIÊNCIAS DE UNIVERSITÁRIOS COM A LEITURA: NARRATIVAS EM VERSOS DA LITERATURA DE CORDEL**

## **EXPERIENCES OF STUDENTS WITH READING: NARRATIVE IN THE VERSES CORDEL LITERATURE**

### **EXPERIENCIAS DE ESTUDIANTES CON LECTURA: NARRATIVA EN LA LITERATURA VERSOS CORDEL**

\*Cicera Sineide Dantas Rodrigues

\*\*Elisângela André da Silva Costa

\*\*\*Maria Socorro Lucena Lima

**RESUMO:** No presente estudo são apresentados resultados da pesquisa intitulada Formação de professores: a leitura na aprendizagem da profissão, abordando o processo de construção identitária dos alunos do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri (URCA), no Ceará. Metodologicamente optou-se pela abordagem qualitativa de pesquisa, tomando como ponto de partida a compreensão acerca das diferentes perspectivas formativas que a leitura pode assumir na vida dos sujeitos. Em decorrência da natureza da pesquisa inspirar-se na pesquisa colaborativa, que articula movimentos investigativos e formativos, os dados analisados neste texto foram levantados junto a licenciandos por ocasião de uma oficina de cordel que tinha como temática a leitura na educação básica e na universidade. Os resultados apontam que ainda subsiste nas instituições de educação básica e ensino superior, mais especificamente nos cursos de licenciaturas, uma lógica de que há uma leitura legítima, ideal, representada por uma cultura erudita e letrada, baseada exclusivamente na leitura da palavra escrita. Tal perspectiva se constitui como fator que limita o desenvolvimento de habilidades de leitura necessárias à formação de leitores críticos, capazes de articular a leitura do mundo, da palavra e da profissão de maneira situada, considerando os desafios próprios de cada tempo histórico de maneira geral, sem deixar de considerar o próprio contexto de existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Estudantes. Literatura de Cordel.

## **INTRODUÇÃO**

O presente texto é constituído por discussões advindas da pesquisa sobre “Formação de professores: a leitura na aprendizagem da profissão”, realizada na Universidade Regional do Cariri (URCA)<sup>1</sup>. Essa pesquisa objetivou compreender as práticas de leitura marcantes no percurso de formação de estudantes do Curso de Pedagogia desta universidade.

A pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa, coincidente com a ideia de que esta é “[...] um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou grupos

---

\*Docente do Departamento de Educação (URCA). Doutorado em Educação (UECE/Fortaleza).

E-mail: cicerasineide@hotmail.com.

\*\*Doutora em Educação Brasileira (UECE/Fortaleza). Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). E-mail: elisangelaandre@unilab.edu.br

\*\*\* Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE/Fortaleza). Doutorado e Pós-doutorado em Educação (USP/São Paulo). E-mail: socorro.lucena@uol.com.br

<sup>1</sup>Sediada no município do Crato, no Cariri, a URCA fica situada na região Nordeste do Brasil.

ℳnuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente - SP, v. 28, n. 2, p. 174 - 190, Maio/Agosto, 2017. ISSN:2236-0441

DOI: 10.14572/nuances.v28i2.3696

atribuem a um problema social ou humano [...]” (CRESWELL, 2010, p. 26-27), inspirando-se na pesquisa colaborativa.

Para a produção dos dados, recorreremos a realização de um grupo focal. A utilização deste procedimento investigativo faz emergir uma “[...] multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios poderia ser difícil de se manifestar.” (GATTI, 2005, p. 09)

Como metodologia da pesquisa, foram realizados seis encontros sistemáticos com 10 estudantes sujeitos da pesquisa. Os assuntos abordados nestes momentos vincularam-se aos seguintes temas: Como fui apresentado à leitura; Concepções de leitura; Leituras proibidas e negadas; Experiências de leitura – a leitura na educação básica e na universidade; Os livros recomendados/obrigatórios. Assim, visando compreender as interpretações dos estudantes sobre a leitura e as experiências pessoais vividas nesse campo, em um dos encontros do grupo focal promovemos uma oficina sobre a literatura de cordel, ministrada por uma professora cordelista da região do Cariri/Ceará.

O trabalho realizado culminou com a produção individual de alguns versos em cordel, compostos por experiências de leitura vivenciadas pelos estudantes na educação básica e na universidade. Os relatos poeticamente emitidos serviram como mote para refletirmos sobre a seguinte pergunta: Quais as principais experiências com a leitura vivida por licenciandos no contexto escolar e universitário?

Os fragmentos biográficos de estudantes, por meio de versos simples da literatura de cordel, revelaram alguns desafios no processo de formação de leitores na escola e na universidade. O estudo permitiu, ainda, compreender que a reflexão sobre as experiências de leitura de licenciandos pode provocar mudanças nas concepções e práticas de formação leitora desses futuros mediadores da leitura.

## **A LEITURA COMO PRÁTICA HUMANA E SOCIALMENTE CONSTITUÍDA**

O caminho para a incorporação do conhecimento em toda e qualquer área de estudo passa pelo acesso à leitura e por sua contínua prática. O ato de ler pode conter, em si, o princípio da totalidade e do dinamismo que envolve o próprio movimento da realidade humana e social (FREIRE, 1994). No entanto, é necessário destacar que o potencial formativo das práticas de leitura associa-se às diferentes concepções que se fizeram presentes ao longo da história da humanidade que, resumidamente, traduzem a emancipação ou a alienação (MANGUEL, 2004).

Em estudo realizado sobre as concepções de leitura presentes no contexto brasileiro, Zaponne (2001, p.57) aponta quatro perspectivas que, em decorrência de suas diferenças (epistemológica, política e pedagógica) consolidaram identidades distintas de leitores:

*Linha político diagnóstica*, em que ler significa engajar-se politicamente na busca da superação de modelos reprodutivistas historicamente presentes no contexto brasileiro. *Linha cognitivo processual*, em que ler é interagir com o texto, reconhecendo a importância da articulação do leitor e suas leituras de mundo com a estrutura interna do texto. *Linha discursiva*, em que ler é construir significado, não podendo, portanto, se restringir apenas à estrutura interna dos textos, mas abranger as condições históricas, políticas, sociais e culturais de produção do discurso. *Linha estruturalista*, em que ler é decodificar, concebendo a leitura como uma unidade invariável, cujo significado é único e estabelecido pelo autor.

Com efeito, homens e mulheres, como seres sociais, ao longo da história, têm investido em uma permanente reflexão sobre a produção cultural, compreendendo a si mesmos como sujeitos capazes de produzir cultura e realizar leituras de mundo de forma cada vez mais situadas. Assim, são capazes de ler, interpretar e reinterpretar o mundo à luz de saberes do cotidiano ou fundamentados em conhecimentos sistematizados (FREIRE, 1967).

Os conhecimentos fundados na experiência cotidiana ou na ciência devem manter entre si um diálogo constante, formando um todo dialético. Isoladamente, o saber da experiência perde força e sentido. Por isso, deve ser compreendido à luz de um conhecimento intencional e científico. Do mesmo modo, o conhecimento científico torna-se vazio se não toma o cotidiano, o saber da existência, como base primordial. Parte-se da ideia de que “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 1994, p. 11)

As reflexões realizadas por Freire (1967, 1994) colocam em pauta o distanciamento historicamente construído no Brasil entre as práticas escolares e as práticas sociais cotidianas. A transposição da cultura europeia para o contexto brasileiro ocasionou a construção de uma educação pautada na reprodução não só de conhecimentos, mas de valores. Tal processo resulta no desenvolvimento de uma educação distanciada do cotidiano dos alunos, sustentando-se no que Orlandi (1996) denomina de *reducionismo pedagógico* (que é relacionado à abordagem exclusiva do caráter técnico da leitura); *reducionismo social* (que se relaciona à aparente igualdade de condições de acesso à leitura pela população, mas que na realidade reitera o valor das classes dominantes); o *reducionismo linguístico* (que diz respeito ao texto como uma unidade fechada, na qual o papel do leitor seria captar aquilo que o autor quis dizer).

Costa (2010, p. 56), em pesquisa sobre práticas de leitura na formação de professores, evidencia o fato de que a identidade leitora dos professores brasileiros “[...] é construída em meio a relações sociais historicamente desiguais que afetam de forma direta as condições de acesso ao livro e à leitura, contribuindo muito mais para um processo de alienação que de emancipação humana”. É necessário compreender, ainda, que considerando tal limite, faz-se necessária uma reflexão permanente sobre as concepções que norteiam os processos de planejamento dos quais emergem as práticas desenvolvidas por estes profissionais, buscando superar a perspectiva reprodutivista da leitura (SILVA; ZILBERMAN, 1998; FREIRE, 1994).

Desse modo, ressaltamos que é, especialmente, na escola que o caráter dialético da leitura deve se tornar mais evidente. Para tal, é importante que os docentes e os estudantes assumam a compreensão de que “[...] linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1994, p.11).

O professor (mas não somente ele) tem o papel fundamental de contribuir para a formação das novas gerações, sob a mediação da leitura como prática humana e socialmente constituída. O professor carrega a responsabilidade social de selecionar e transmitir aos estudantes os conhecimentos científicos, artísticos, estéticos e filosóficos, estimulando-os a uma prática de uma leitura disciplinada, criativa, diversificada, dialética e crítica; conhecimentos que devem perdurar por toda a vida, transpondo os muros da escola, pois:

Uma primeira condição para aprender é que os alunos possam ver e entender como faz o professor para elaborar uma interpretação do texto: quais as suas expectativas, que perguntas formula, que dúvidas surgem, como chega à conclusão do que é fundamental para os objetivos que o guiam, que elementos toma ou não do texto, o que aprendeu e o que ainda tem de aprender [...] em suma, os alunos têm de assistir a um processo / modelo de leitura, que lhes permita ver as estratégias em ação em uma situação significativa e funcional. (SOLER, 2008, p.116)

A formação de leitores mais críticos e criativos, no entanto, se mostra como um dos principais desafios no contexto educacional brasileiro, “[...] sendo o ato de ler concebido por grande parte dos professores e alunos como uma atividade difícil, enfadonha e sem sentido” (SILVA, 2009, p.18). Entendemos que há limitações sociais, políticas, culturais e econômicas que contribuem sobremaneira para fortalecer essa perspectiva de rechaço à leitura por parte dos docentes e discentes. Sobre isto, Silva (2009, p. 01) reflete que:

[...] no Brasil, a formação aligeirada - ou de meia tigela - dos professores, o aviltamento das suas condições de trabalho, o minguado salário e as políticas educacionais caolhas fazem com que os sujeitos do ensino exerçam a profissão sem serem leitores. Ou então, sejam tão somente leitores pela metade, pseudo-leitores, leitores nas horas vagas, leitores mancos. Leitores de cabresto e outras coisas assim. (SILVA, 2009, p.01)

O fracasso na formação da cultura leitora se agrava muito mais, à medida que os próprios docentes se afastam da prática da leitura ou concebem texto e contexto como instâncias separadas, assumindo uma visão acrítica do conhecimento e do cotidiano.

Ante o exposto, destacamos que os cursos de formação docente não podem prescindir de desenvolver debates e estudos acerca das experiências de leitura que marcam o percurso de formação dos futuros professores, entendendo que “[...] o fortalecimento da docência como profissão envolve, irrefutavelmente, a vivência e a incorporação de porções contínuas de leitura” (SILVA, 2009, p.02). É importante reconhecer que os saberes da experiência são ponto de partida para a análise das práticas dos professores, sendo um importante caminho formativo, pois possibilita compreender de onde os atuais e os futuros docentes partem, e até onde poderão chegar (PIMENTA, 2005).

Ao pensar sobre o papel formativo da leitura, assumimos a ideia de que o ato de ler mantém ligação com a subjetividade do leitor, com sua identidade. Neste caso, tratar da relação entre leitura e formação é, “[...] pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos deforma e nos transforma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos.” (LARROSA, 2002, p. 134)

Dentre as várias possibilidades de leitura, enfatizamos que a literatura pode ser tomada como um gênero literário que contribui para modificar a vida das pessoas, considerando o que foram, o que são e o que podem se tornar, atingindo suas subjetividades a partir de mecanismos estéticos que acionam a criatividade, a imaginação e a sensibilidade como características inerentes aos seres humanos (MANGUEL, 2004). Neste estudo, destacamos a literatura de cordel como um gênero literário particular que, entre outras potencialidades, pode ser utilizado para fins de pesquisa e de formação docente.

## **LITERATURA DE CORDEL E FORMAÇÃO DOCENTE**

O cordel é compreendido como uma narrativa popular impressa e a “[...] expressão literatura de cordel foi por séculos mais portuguesa do que brasileira. O nome refere-se à maneira pela qual os livrinhos muitas vezes ficavam pendurados em linhas esticadas entre

dois suportes” (SLATER, 1984, p. 16). Esse tipo de literatura popular “[...] desempenha um papel importante na cultura nordestina. Por muitos anos, ele foi o jornal do sertanejo, sendo em algumas décadas o único meio de comunicação existente.” (OLIVEIRA, 2011, p. 388)

Neste estudo, entendemos o cordel como um artefato cultural que tem a potencialidade de expressar os mais variados tipos de conhecimentos por via de uma linguagem poética: “[...] o cordel é um jornal, é divertimento, literatura, meio de difusão do conhecimento, de perpetuação da história e da cultura. É meio de expressão de sentimentos, meio de refletir e pensar a realidade.” (CEARÁ, 1978, p. 17)

Trazer o cordel para o campo da formação de professores é pensar a universidade como espaço que deve trabalhar a interculturalidade, compreendendo-a como universo que precisa criar canais para o diálogo entre as mais variadas formas de linguagem.

Partimos da premissa de que as distintas lógicas culturais podem dialogar e serem utilizadas como arsenais pedagógicos que favorecem a formação reflexiva dos alunos, permitindo que o campo pedagógico não se feche em uma concepção curricular que privilegia somente um tipo de manifestação cultural, normalmente aquela que responde aos anseios de uma cultura erudita, “[...] entendida como de produção mais requintada porque mais elaborada por adequados mecanismos de sistematização e racionalização” (TURA, 2005, p.151).

Historicamente, compreendemos que “[...] há uma dificuldade especial de estudar a cultura popular que se instituiu basicamente pela tradição oral e por seus poucos produtos literários.” (TURA, 2005 p. 152). Entendemos que o contexto escolar e acadêmico, no entanto, não pode escapar da elaboração da ideia curricular que vislumbre a *circularidade entre culturas* (GINZBURG, 1987).

Privilegiar os elementos das diferentes culturas e linguagens é o caminho central para incorporar e reelaborar novos conhecimentos, entendendo-os como saberes que se entrelaçam, em “[...] redes de significados que têm seus sentidos, lógicas, técnicas sendo construídas em lugares, por vezes, diferentes daquelas da cultura escolar.” (TURA, 2005, p. 163)

Nessa direção, a literatura de cordel, como expressão da cultura popular, é vislumbrada neste estudo como potencialidade na formação docente, contribuindo para a reflexão de temas relevantes neste campo. É fato que, no Brasil, a literatura de cordel chegou com colonizadores lusos, em ‘folhas soltas’ ou mesmo em manuscritos. Com efeito, em fins do século passado, “a literatura de cordel surgiu e se fixou como uma das peculiaridades da cultura regional” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2010, p.02). Os primeiros cordéis impressos datariam das

primeiras décadas deste século. As informações que temos, revelam a edição de cordéis no Cariri nas oficinas do Jornal ‘O Rebate’, fundado pelo Pe. Cicero, em Juazeiro do Norte (CEARÁ, 1978, p. 17).

Consideramos que a literatura de cordel pode servir como fonte e base profícua para as reflexões sobre diversos temas da educação, dentre estes a temática que trata das experiências de estudantes universitários com a leitura, exatamente o que se propõe nesse artigo.

Assim, foi relevante saber por meio dos versos de cordel, o que marcou a formação leitora de estudantes universitários, na escola e na universidade, mediante as narrativas poéticas das principais práticas vividas nesses espaços formativos. Interessou-nos, ainda, investigar como estas práticas são interpretadas pelos discentes nesse movimento de *tornar-se* e *estar sendo* leitor no interior de um curso que visa a prepará-los para a docência, em que, obviamente, irão se tornar mediadores da leitura. Compreendemos que somente eles podem contar e dar sentido ao que viveram e ao que vivem nesse processo constituído e constituinte da cultura leitora, pois, “[...] só quem *provou* da comida sabe o gosto que ela tem” (ASSARÉ, 1978, pp. 25-29).

## **A OFICINA DE CORDEL E AS EXPERIÊNCIAS DOS ESTUDANTES COM A LEITURA**

A oficina sobre a literatura de cordel foi desenvolvida como parte do projeto de pesquisa Formação de professores: A leitura na Aprendizagem da Profissão. Foi ministrada pela cordelista caririense Maria do Rosário Lustosa da Cruz, autora de várias publicações em cordéis que abordam temas diversos. Nas palavras de Barbosa (2011, p. 07):

Maria do Rosário tem uma endocrinologia vazada em emoções da natureza sertaneja, mais uma inteligência de capacidade cultural que a distingue como Vice-Presidente do Instituto Cultural do Vale Caririense – ICVC; Sócia da Academia dos Cordelistas do Crato; Segunda Secretária da Associação dos Poetas de Barbalha e Griô (Contadora de Histórias) pelo ponto de Cultura Lira Nordeste, em Projeto da Universidade Regional do Cariri-URCA.

A oficina foi filmada e dividida em dois momentos. No primeiro momento, abordou-se a história da literatura de cordel e seus aspectos formais, bem como se descreveu elementos que envolvem a linguagem particular desta modalidade literária, tais como sextilhas, rimas e métricas. No segundo momento, os integrantes da oficina ensaiaram a produção de alguns versos de cordel por escrito, expressando suas principais experiências com a leitura na escola de educação básica e na universidade.

As narrativas foram constituídas com base em aspectos significativos do percurso de formação leitora de cada sujeito, elaborada e narrada sob a mediação da linguagem. Decerto, a linguagem é o principal instrumento humano de interação com os outros e com o mundo. A fala como manifestação da língua é assim portadora de uma natureza social.

Compreendemos, então, que a produção do sujeito leitor ocorre no âmbito de determinados espaços, tempos e situações sociais. As experiências desse processo se refletem na comunicação, na fala, na palavra. Isso mostra que o pensamento materializado na fala está em íntima relação com as trajetórias e experiências dos sujeitos. Falar do papel da linguagem nesse processo de constituição humana, social e profissional é compreender que “[...] o eu, inclusive o mais íntimo, está feito de palavras [...] o eu não é o que existe por trás da linguagem, mas o que existe na linguagem.” (LARROSA, 2013, p. 24-25)

Com o amparo da linguagem, as narrativas em cordel dos estudantes permitiram um encontro com a *experiência formadora* que, preñe de *recordações-referências*, fazem emergir uma gama de lembranças, princípios e vivências significativas para cada um. A recordação-referência “[...] significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos ou valores.” (JOSSO, 2004, p. 40)

Além disso, a narração de fatos aciona a capacidade eminentemente humana de recriar o já vivido, de atribuir novos sentidos, reconstituir-se, assim, ressaltamos a importância fundamental e os potentes nexos entre narrativa e memória, pois:

Quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto referente, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura. (SOUZA, 2007, p. 63)

Com o intento de nos aproximarmos das evocações da memória de formação leitora dos sujeitos da pesquisa, o *corpus* investigativo constituiu-se de material escrito pelos mesmos, composto por versos de cordel individuais, traduzindo alguns elementos de experiências de leitura vividas por eles na escola e na universidade.

Os dados produzidos foram analisados por intermédio da *análise de conteúdo*, com base em Laurence Bardin (2011). Este é um dos caminhos mais conhecidos e utilizados nas pesquisas para analisar conteúdos interpretativos, sendo conceituado como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2011, p. 37).



Gomes (2004) destaca que a análise de conteúdo permite a escolha de uma variedade de unidades de registro para se analisar o conteúdo das mensagens. Essas unidades estão relacionadas aos elementos que se obtém da decomposição do todo da mensagem. Assim,

Podemos utilizar a palavra como unidade [...] a frase ou a oração também são outros exemplos de unidades de registro. Outra unidade é o tema que se refere a uma unidade maior em torno do qual tiramos uma conclusão [...] ainda podem ser unidades de registro o personagem de uma narrativa, o acontecimento relatado e o documento (livro, filme, artigo, etc.). Essas unidades podem ser combinadas dependendo da natureza do estudo. (GOMES, 2004, p. 75)

Optamos, assim, por considerar os versos elaborados pelos alunos como unidades de registro. Desse modo, a análise do material seguiu as fases de: *pré-análise* (leitura flutuante do material); *exploração do material* (seleção de trechos significativos dos versos escritos pelos sujeitos); *tratamento dos resultados obtidos* (interpretação dos versos, buscando refletir criticamente sobre os conteúdos manifestos e subjacentes).

Neste processo, dividimos os versos produzidos em tópicos analíticos que foram se reportando a temas da leitura livremente expressos nas narrativas dos sujeitos. Nos versos decompostos percebemos a presença de ideias que circundam em torno dos seguintes tópicos: 1) Leitura na escola: Aprendizagem e natureza, obras recomendadas e obrigatórias, estratégias para a não leitura; 2) Leitura na universidade: natureza, suportes para compreensão de textos, quantidade de material para ler; 3) Tipos de leitura: da escola à universidade.

Descreveremos, a seguir, cada um dos tópicos mencionados, ilustrando-os com narrativas experienciais dos estudantes no campo da leitura, escritas em versos de cordel.

## **LEITURA NA ESCOLA: APRENDIZAGEM E NATUREZA, OBRAS RECOMENDADAS E OBRIGATÓRIAS, ESTRATÉGIAS PARA A NÃO LEITURA**

Nas análises realizadas foi possível verificar que o processo de constituição da identidade leitora dos estudantes esteve pautado em um ensino de base teórica tradicional. Esta vertente pedagógica concebe o ato de ler como algo que tem um fim em si mesmo. Considera que o aluno tem de ler mecanicamente, mediado pelo peso da obrigatoriedade, transformando a leitura em uma prática enfadonha, repetitiva e sem sentido para os discentes (FREIRE, 1994; SILVA; ZILBERMAN, 1998). Neste caso, a leitura assume uma natureza memorizadora, pautada em práticas docentes coercitivas e disjuntivas.

Tomando como referência a discussão sobre a natureza da leitura, destacamos a seguir

narrativas de estudantes da pesquisa, evidenciando que o percurso de formação escolar vivido por eles esteve fundado neste modelo de ensino. Assim narraram:

Na escola tradicional, Se repassava o saber, Não importava o aluno, Que decorava o dever, Se ele não aprendesse, Não tinha nada a fazer (A1). No geral assim se dava, O Professor sem formação, Dava aula todo dia, Cobrava toda a lição, Se alguém não entregava, Era rápida a punição (A2).

Sabemos que a escola não é a única instância de formação de leitores. No entanto, esta instituição tem importância fundamental neste processo, uma vez que é principalmente sobre ela que recai a responsabilidade de reverter o índice de não leitores no Brasil. No tocante a esse ponto, dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* revelam que a leitura “decrece muito entre os adultos, podemos supor que a escola não tem formado leitores para a vida inteira, talvez por práticas pouco sedutoras e obrigatórias, das quais o não-estudante procura se livrar assim que ultrapasse os limites da escola.” (CUNHA, 2008, p.56)

O exercício autoritário e opressor que permeia a aprendizagem da leitura tende a provocar um sentimento de desinteresse nos estudantes. Sob tal aspecto, eles passam a ver o ato de ler como algo pouco ou nada prazeroso. (LIMA, 2004)

Para entrar na universidade, normalmente, os alunos se encontram diante de uma vasta literatura, composta, basicamente, por obras literárias que eles são obrigados a ler simplesmente com o objetivo de passar no exame vestibular. Das obras recomendadas e obrigatórias no ensino médio, os estudantes universitários desta pesquisa destacaram as seguintes: *Iracema*, *O tronco do Ipê*, *Esau e Jacó*, *O ano da morte de Ricardo Reis*, *A carta de Pero Vaz de Caminha*, *Fogo Morto*, *Coleção Melhores Poemas – Patativa do Assaré*, *Terra Sonâmbula*, *O Quinze*, *Dom Casmurro*, *O Cortiço*, *Lucíola*, *A Moreninha*, dentre outras. Há de se perceber que estas leituras são representadas por uma literatura bastante rica, traduzidas como importantes fontes de conhecimentos e de formação intelectual e humana. Entretanto, a prática da memorização de textos literários a que os estudantes foram submetidos fez com que eles não percebessem a grandeza e a boniteza destas obras, que, depois de mecanicamente lidas, logo foram esquecidas por eles. É o que retratou esta aluna: “*Livro no ensino médio, Ficou quase esquecido, Depois de memorizado, De um tempo quase perdido, Da lembrança do conteúdo, Mostrou que tinha fugido (A3)*”.

Os dados produzidos indicaram ainda que no ensino médio há prevalência da leitura dos conteúdos dos livros didáticos. Como foi dito, as obras literárias, frequentemente, são lidas de forma obrigatória para serem cobradas em provas e outras formas avaliativas (SILVA;

ZILBERMAN, 1998). Pressupõe-se, então, que é incipiente e irrisório o incentivo a uma prática de leitura mais plural e diversificada. Nesse sentido, a estudante relatou que: *“Lá no ensino médio, A matéria era ensinada, Tinha o livro didático, E a gramática decorada, Para entrar na faculdade, Da memória era cobrada (A4)”*.

O ato de ler, baseado na simples memorização, conduziu os estudantes a tomarem certas iniciativas que não contribuíram para assimilação ativa e significativa dos conhecimentos. Para eles, o principal objetivo do ensino passou a ser a obtenção de notas médias para escaparem de uma possível reprovação. Desse modo, os discentes mencionaram a utilização de estratégias para não ler, pautadas em subterfúgios pouco formativos e eticamente questionáveis. É o que se vê no pensamento a seguir: *“Por ser difícil a leitura, Os alunos na esperteza, Da internet copiavam, Com maestria e destreza, O professor duvidava, Mas tinha pouca certeza (A5)”*.

Nesse horizonte, perdemos de vista a função social da escola, que é assegurar aos estudantes a incorporação crítica e criativa de conhecimentos, além da aprendizagem de valores e princípios que guiem eticamente suas relações sociais e humanas no mundo.

Nessa direção, as instituições de ensino possuem um papel fundamental e não podem ser vistas apenas como estruturas físicas. A escola é “[...] acima de tudo, um lugar de convivência, de aprendizagens geradas pela troca de saberes e fazeres entre os agentes [...] é um campo dinâmico que mobiliza a formação do ser humano em todas as suas dimensões” (RODRIGUES, 2009, p. 66).

## **LEITURA NA UNIVERSIDADE: NATUREZA, SUPORTES PARA COMPREENSÃO DE TEXTOS, QUANTIDADE DE MATERIAL PARA LER**

Com o ingresso na universidade, os estudantes da pesquisa expressaram que as dificuldades com o campo da leitura só aumentaram. Nesse espaço, eles destacaram que foram postos diante de uma forma de leitura de natureza técnica e científica, envolta por certo grau de complexidade que lhes exigiu uma prática de leitura contínua e disciplinada, não adquirida por eles nos graus de ensino anteriores.

Logo, no ensino universitário, os alunos continuaram submetidos a mesma lógica da leitura por repetição, com o intuito de conseguirem a nota exigida para obter aprovação semestre a semestre.

O dicionário passou a ser um suporte para a tarefa de compreensão dos significados objetivos do texto. Sobre isto, nos versos a seguir, a estudante diz: *“E se a leitura é difícil,*  
Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente - SP, v. 28, n. 2, p. 174 - 190, Maio/Agosto, 2017. ISSN:2236-0441  
DOI: 10.14572/nuances.v28i2.3696

*Pior na universidade, Com palavras complicadas, Se encontra dificuldade, Com dicionário ao lado, Pode ter facilidade (A6)”.*

Esta situação específica permite inferir que, muitas vezes, a significação dicionarizada buscada pelos alunos fica reduzida a literalidade da leitura, aos seus significados puramente objetivos, sem atingir as subjetividades dos estudantes que, não se transformam com a experiência da leitura.

Os estudantes relataram ainda sobre a prática pedagógica dos professores universitários, fundada na utilização de extensas quantidades de leituras a serem feitas pelos alunos. Estas inquietações são reveladas nos versos abaixo:

Perdidas estão as contas  
Dos livros que têm pra ler,  
Vejo e logo esmoreço  
Faço força pra aprender,  
Sem exagerar eu digo  
Nada é fácil de entender (A7).

Os textos que antes tinham  
Poucas páginas para ler,  
Dentro da universidade  
Muitas folhas passam a ter,  
E se não ler com atenção  
Nosso destino é o sofrer (A8).

O jeito de pensar e de fazer a leitura no contexto universitário narrado pelos alunos evidencia que há preocupação com uma cultura leitora mais informativa do que formativa, mais quantitativa do que qualitativa. Sobre este aspecto, Freire (1994, p. 18) assevera que “[...] a insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita”.

Por outro lado, acreditamos que, a crítica a magicização da palavra escrita não anula a responsabilidade dos educadores e educandos de lerem, “[...] sempre e seriamente, os clássicos nestes ou naquele campo do saber”, adentrando os textos e criando uma “[...] disciplina intelectual, sem a qual inviabilizamos a nossa prática enquanto professores e estudantes.” (FREIRE, 1994, p.18)

## TIPOS DE LEITURA: DA ESCOLA À UNIVERSIDADE

É interessante observar nos versos que seguem que há uma mudança considerável nos tipos de leitura que marcam o tempo de preparação para o exame vestibular e o período de vivência na universidade: “*Antes da universidade, Romance era autorizado, Hoje o romance morreu, Vigotski é priorizado, Piaget e Paulo Freire, É pra ser memorizado (A9)*”.

É importante frisar que a leitura como produção humana e social se encontra nos mais variados cantos e recantos da vida, não se restringindo aos domínios da escola ou da universidade. Logo, os modos de ler e os leitores mudam em cada contexto. Nessa perspectiva, os leitores em geral tendem a experimentar e a perceber a leitura de formas diferenciadas. (MANGUEL, 2004)

Pelos escritos, observamos que a relação mantida com a leitura se articula com as variadas experiências vividas pelos alunos neste campo. Cabe, principalmente, aos espaços formativos institucionalizados contribuir para pensar de forma crítica sobre este mundo experiencial que envolve a constituição identitária de sujeitos leitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos escritos que se encerram foram socializadas narrativas poéticas de futuros professores que, por meio de ensaios de versos da literatura de cordel, materializaram suas ideias e experiências de leitura na escola de educação básica e na universidade.

No estudo descrito, ao retomarmos as memórias de formação leitora dos estudantes universitários, percebemos que ainda subsiste nas escolas e universidades uma lógica de que há uma leitura legítima, ideal, normalmente aquela representada pela cultura erudita e letrada, baseada exclusivamente na leitura da palavra escrita. Sabemos, no entanto, que o ensino fragmentado dessa cultura, distante de uma prática de leitura pautada em saberes do cotidiano, em uma reflexão crítica do mundo, vem se constituindo em um dos principais entraves na formação do sujeito-leitor.

Assim, sustentamos a ideia de que a formação leitora da pessoa é um todo complexo e contínuo, devendo abranger as mais diferenciadas experiências cotidianas e não corriqueiras.

Os estudantes que participaram da pesquisa, em seus escritos preliminares de cordel, fizeram emergir de suas memórias uma diversidade significativa de elementos que envolvem o tema da leitura.

Como consequência deste estudo, é importante destacar que a reflexão sobre a leitura nos cursos de formação docente pode provocar mudanças na rotina dos estudantes das

*Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente - SP, v. 28, n. 2, p. 174 - 190, Maio/Agosto, 2017. ISSN:2236-0441  
DOI: 10.14572/nuances.v28i2.3696

licenciaturas, como futuros mediadores da leitura. Ao refletir sobre as próprias experiências de formação leitora na escola e na universidade, estes passarão a se preocupar mais com suas concepções e modos de lidar com a leitura, buscando se inserir nesse universo de maneira mais crítica e reflexiva. Neste estudo, o trabalho de voltar-se para si mesmo e ir percebendo as experiências de leitura marcantes foi realizado com a ajuda da literatura de cordel. Por meio dessa modalidade literária os estudantes trouxeram à tona elementos que nos ajudam a pensar a escola e a universidade como espaços que devem buscar outros modos de proporcionar o encontro dos sujeitos aprendentes com a leitura.

Em uma perspectiva de transformação, acreditamos que a leitura crítica do mundo, da palavra escrita, dos processos constituintes de nossas identidades leitoras é um caminho fértil para a constituição de sujeitos-leitores críticos e reflexivos, formuladores e não apenas reprodutores de ideias; ideias que ao mundo retornam, tendo em vista a sua transformação em algo sempre melhor. Isso não é permitido às pedras, nem às plantas, mas somente aos seres humanos que fazendo versos e reversos, nomeiam as coisas do mundo, pois são, antes de tudo, seres da práxis.

## **EXPERIENCES OF STUDENTS WITH READING: NARRATIVE IN THE VERSES CORDEL LITERATURE**

**ABSTRACT:** In the present study are presented results of the research titled Teacher training: reading in the learning of the profession, addressing the process of identity construction of the students of the Pedagogy course of the Universidade Regional do Cariri (URCA) in Ceará. Methodologically, we opted for the qualitative approach of research, taking as a starting point the understanding about the different formative perspectives that the reading can assume in the life of the subjects. As a result of the nature of the research, it was inspired by the collaborative research, which articulated investigative and formative movements, the data analyzed in this text were gathered together with the students investigated in the occasion of a string workshop that had the theme of reading in basic education and in university. The results show that there is still a legitimate, ideal reading, represented by a learned and literate culture, based exclusively on the reading of the written word, in institutions of basic education and higher education, more specifically in undergraduate courses. This perspective is a factor that limits the development of reading skills necessary for the formation of critical readers capable of articulating the reading of the world, word and profession in a situated way, considering the challenges of each historical time in general, without taking into consideration the very context of existence.

**KEYWORDS:** Reading. Students. Cordel literature.

## **EXPERIENCIAS DE ESTUDIANTES CON LECTURA: NARRATIVA EN LA LITERATURA VERSOS CORDEL**

**RESUMEN:** En el presente estudio se presentan resultados de la investigación titulada Formación de profesores: la lectura en el aprendizaje de la profesión, abordando el proceso de construcción identitaria de los alumnos del curso de Pedagogía de la Universidade Regional do Cariri (URCA), en Ceará. Metodológicamente se optó por el enfoque cualitativo de investigación, tomando como punto de partida la comprensión acerca de las diferentes perspectivas formativas que la lectura puede asumir en la vida de los sujetos. En consecuencia de la naturaleza de la investigación inspirarse en la pesquisa colaborativa, que articulaba movimientos investigativos y formativos, los datos analizados en este texto fueron levantados junto a los alumnos investigados con ocasión de un taller de cordel que tenía como temática la lectura en la educación básica y en la educación universidad. Los resultados apuntan que aún subsiste en las instituciones de educación básica y enseñanza superior, más específicamente en los cursos de licenciatura, una lógica de que hay una lectura legítima, ideal, representada por una cultura erudita y letrada, basada exclusivamente en la lectura de la palabra escrita. Tal perspectiva se constituye como factor que limita el desarrollo de habilidades de lectura necesarias para la formación de lectores críticos capaces de articular la lectura del mundo, de la palabra y de la profesión de manera situada, considerando los desafíos propios de cada tiempo histórico de manera general, sin dejar de considerar el propio contexto de existencia.

**PALABRAS CLAVE:** Lectura. Estudiantes. Literatura cordel.

## REFERÊNCIAS

- ASSARÉ, P. *Cante lá, que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BARBOSA, G. M. Uma Apresentação. In: LUSTOSA, R. *100 anos de Juazeiro registrados no cordel 1911-2011*. Juazeiro do Norte: HB Gráfica, 2011.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CEARÁ. Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social. *Antologia da Literatura de Cordel*. Fortaleza, 1978.
- COSTA, E. A. S. *Práticas de leitura na formação de professores*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CUNHA, M. A. A. Acesso à leitura no Brasil. In: AMORIM, G. (Org). *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-Livro, 2008, p. 49-60.
- DIÁRIO DO NORDESTE. Academia dos Cordelistas resgata tradição. Fortaleza, Ceará – Domingo, 14 de novembro de 2010, p. 02.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GATTI, B. A. *Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Cecília de Sousa (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- LARROSA, J. B. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- \_\_\_\_\_. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.) *Caminhos investigativos - novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 133-160.
- LIMA, M. S. L. Leitura de textos na formação de professores: transportando indagações. In LIMA, M. S. L.; SALES, J. O. C. B. *Aprendiz da prática docente*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, Ed UECE, 2004, p.26-33.



MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. Tradução Pedro Maia Soares. Porto Alegre: Cia das Letras, 2004.

OLIVEIRA, J. E. De uma casa cheia de gente, só resta um gato e uma canção: afeto e história em uma correspondência poética. In: CAVALCANTE, M. J. M. et. alii. *História da Educação Comparada: Discursos, ritos e símbolos da educação popular, cívica e religiosa*. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p. 371-405.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez, 1996.

PIMENTA, S. G. Professor: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 15-34.

RODRIGUES, C. S. D. *Disposições norteadoras de concepções acerca da teoria e da prática: um estudo das falas de docentes e discentes do curso de Pedagogia da URCA*. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SILVA, E. T. *O professor leitor*. 2009. Disponível em: <http://leituraensino.blogspot.com/2009/10/o-professor-leitor.html>. Acesso em julho de 2017.

\_\_\_\_; ZILBERMAN, R. Pedagogia da leitura: movimento e história. In SILVA, E. T. da; ZILBERMAN, R. (Orgs.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1998.p.111-115.

SLATER, C. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SOLÉ, I. *Estratégias de Leitura*. 6ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, AD; HETKOWSKI, T.M.(Orgs). *Memória e formação de professores* [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f5jk5>. Acesso em julho de 2017.

TURA, M. L. R. Conhecimentos escolares e a circularidade entre culturas. In: LOPES, Alice C.; MACEDO, E. *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2005.

ZAPPONE, M. H. Y. *Práticas de leitura na escola*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação, UNICAMP. Campinas, 2001.

Recebido em dezembro de 2015

Aprovado em fevereiro de 2017